

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Instituto de Estudos Avançados

O Ateu Amoroso: a compaixão pelo sofrimento imposto pelo homem aos animais na obra de José Saramago

Prof. Dr. Jaime Bertoluci

Professor Associado ESALQ-USP
Docente Subsidiário IEA-USP

Projeto de pesquisa interdisciplinar desenvolvido no Instituto de Estudos Avançados - USP dentro dos programas Pesquisador Colaborador e Docente Subsidiário.

Piracicaba
Junho de 2021

O Ateu Amoroso: a compaixão pelo sofrimento imposto pelo homem aos animais na obra de José Saramago

Resumo

Este projeto pretende examinar a expressão da compaixão pelo sofrimento imposto pelo homem aos animais na obra literária de José Saramago, demonstrando (1) a preocupação do autor com o tratamento que o homem dispensa aos animais, frequentemente relacionado a algum tipo de crença religiosa ou tradição popular, e (2) que a compaixão pelos animais não está necessariamente relacionada à religiosidade, posto que o autor declarava-se abertamente um ateu convicto. Será examinada a obra de ficção do autor português, incluindo romances, contos e teatro, salientando as passagens em que a compaixão pelos animais é expressa pelas personagens ou pelo próprio narrador e relacionando-as com a visão que o homem tem dos animais no contexto histórico, social e/ou religioso de cada obra.

Objetivos

1. Examinar os romances, contos e peças de teatro de José Saramago em busca de passagens que expressem a compaixão do autor pelo sofrimento imposto aos animais pelo homem;
2. Entender a origem dessas atitudes nos contextos filosófico, histórico, social e/ou religioso de cada obra;
3. Demonstrar que a compaixão pelo sofrimento dos animais independe de qualquer tipo de religiosidade e que, pelo contrário, a ausência de compaixão pode estar paradoxalmente relacionada a algum tipo de religiosidade.

Justificativa

O sofrimento causado aos animais pelo homem, quer em atividades da vida diária quer no âmbito das pesquisas científicas, tem gerado uma preocupação crescente tanto no público de modo geral como nos meios acadêmico e científico.

Argumentos éticos contra o uso de animais no ensino e na pesquisa científica baseiam-se na constatação de que o uso pode resultar em sofrimento e questionam nosso direito de utilizá-los para nosso próprio benefício (sem seu consentimento, como é de praxe em pesquisas com humanos) (Hurst 1996). Sofrimento, aqui, é definido, de forma ampla, como suscetibilidade à dor e consciência de estar com, ter tido ou estar para sentir dor. Dor também é um conceito elástico, podendo ocorrer na forma de estresse, desconforto, angústia, ansiedade ou medo. Temos toda a certeza de que a grande maioria dos animais sente dor e de que animais de muitos grupos (maioria dos mamíferos e, provavelmente, dos vertebrados) exibem algum grau de autoconsciência (e.g., primatas). A legitimidade da preocupação com o sofrimento dos animais pode ser evidenciada pelo fato de que atualmente todas as universidades têm seus projetos que envolvem o uso de animais examinados por uma comissão de ética.

Paralelamente ao uso de animais em pesquisas, a Biologia da Conservação investiga os fatores que promovem declínios populacionais de espécies de animais e

plantas, visando impedir ou pelo menos minimizar a perda de diversidade biológica, um fenômeno que atinge todo o planeta e que preocupa toda a humanidade (Groom *et al.* 2006). Nesse contexto, a visão que o homem tem dos animais pode-se constituir em fator decisivo de sua proteção. Serpentes, por exemplo, devido à ocorrência de acidentes ofídicos, às vezes fatais, são vistas como perniciosas ao homem, sendo exterminadas de maneira generalizada. Os sapos são tradicionalmente maltratados devido à repugnância que causam nas pessoas, mas esse caso também inclui uma certa dose de preconceito devido à sua associação histórica (e falaciosa) com o Mal.

Fora do âmbito científico, muitas atividades humanas envolvem o sofrimento dos animais; do mesmo modo, a visão que o homem tem dos animais em diferentes culturas influencia diretamente seu uso. A religião é um dos traços mais importantes de qualquer cultura, e virtualmente não há cultura, presente ou pretérita, desprovida de algum tipo de religiosidade. (Contudo há homens sem religião em quase qualquer cultura.)

As organizações religiosas geralmente manifestam-se contra os maus-tratos que o homem impõe aos animais, e algumas religiões têm uma longa história de oposição ao sofrimento. O Jainismo, por exemplo, baseia-se no princípio da não-violência (*ahimsa*) e acredita na metempsicose (doutrina da transmigração das almas), adotando, por isso, a dieta vegetariana e priorizando profissões que minimizam a perda de vidas, enquanto o Budismo enfatiza o bem-estar animal.

No caso do Judaísmo, do Cristianismo e do Islamismo, essa preocupação é recente (últimas décadas), pois, na visão antropocêntrica dessas religiões, o homem ocupa um lugar especial na ordem da criação, tendo sido criado à imagem e semelhança de Deus, e sendo, portanto, superior aos animais. Essa relação assimétrica entre o homem e os animais tem origem remota no texto que embasam as três religiões monoteístas (o Pentateuco), já que uma origem comum, Moisés, que, nas primeiras páginas do Gênesis, revela a seu povo:

*26 Então disse Deus: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. **Domine ele** sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os grandes animais de toda a terra e sobre todos os pequenos animais que se movem rente ao chão”.*

*27 **Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.***

As tradições judaica, cristã e islâmica fizeram apenas honrar as palavras do primeiro patriarca.

Santo Agostinho foi responsável pela primeira sistematização do pensamento cristão, e suas ideias (contrárias a qualquer tipo de obrigação moral dos homens para com os animais) atravessaram séculos e foram passadas para São Tomás de Aquino. Santo Agostinho (*De Genesi ad litteram*. VI, 12) afirma que a posse do intelecto demonstra que o homem foi feito à imagem de Deus, sendo por isso superior aos animais:

“É excelente no homem o havê-lo feito Deus à sua imagem e semelhança, porque lhe deu um espírito inteligente pelo qual é superior aos animais”

São Tomás de Aquino (*Suma Teológica*. I, q. 93, a. 2) apenas repete a fórmula de Agostinho:

“O homem é mais excelente que todos os animais, pela razão e pelo intelecto. Donde, pelo intelecto e pela razão, que são incorpóreos, é a imagem de Deus”

Na visão cristã de Aquino, baseada na premissa de que só o homem participa da essência do Criador, o modo com que tratamos os animais não tem nenhuma importância, salvo na medida em que ser cruel com os animais pode nos acostumar a ser cruel com os homens. Essa foi a posição oficial da Igreja Católica Romana.

Algumas poucas vozes dissonantes no âmbito da igreja incluem São Francisco de Assis e o padre filósofo Jean Meslier, que não representa de modo algum o cristianismo, posto ter-se posteriormente tornado um ateu e mesmo usado a crueldade dos cristãos para com os animais como uma prova da inexistência de Deus (Nascimento 1985). Segundo Ricard (2017) o papa Pio XII foi contrário à criação de uma sociedade para a prevenção da crueldade contra os animais, pois isso implicaria em aceitar que os seres humanos têm deveres para com as criaturas inferiores; uma mudança significativa desse pensamento no Vaticano ocorreu apenas quando o papa João Paulo II estimulou o respeito pelos animais e a existência de associações protetoras. Mais recentemente, o Papa Francisco (2015) explicou que “Todo o encarniçamento contra qualquer criatura é contrário à dignidade humana”, trazendo de volta à tradição cristã a compaixão por todos os seres vivos originalmente pregada por seu profeta.

Na tradição da Filosofia secular, Pitágoras, Plutarco e Ovídio defendiam um tratamento humano dos animais, mas Aristóteles, quem verdadeiramente influenciou todo o pensamento filosófico (e religioso) posterior, afirmava que os animais existiam para servir aos propósitos dos seres humanos (e defendia também a escravidão). Após ser dominada por mais de mil anos pelo pensamento cristão, a Filosofia encontra em Descartes uma voz racionalista, que infelizmente foi até mais cruel para com os animais, iniciando um período negro em que estes eram vistos como máquinas insensíveis à dor. Essa visão infundada, difícil de admitir em homens com tão grande capacidade de raciocínio e observação, foi passada quase sem mudanças para alguns dos principais filósofos seguintes, desde Kant e Spinoza até Heidegger e Sartre (Ricard 2017).

Michel de Montaigne (1533-1592) foi um dos primeiros filósofos a se posicionar contra os maus-tratos aos animais, principalmente em seus ensaios *Apologia de Raymond Sebond*, considerado por Jacques Derrida como “um dos maiores textos pré-cartesianos e anticartesianos que existem sobre o animal”, e *Da crueldade* (Maciel 2012).

A partir do Iluminismo, a Filosofia secular é responsável por uma mudança de mentalidade em relação ao tratamento que o homem dá aos animais. Vejamos a postura de Jean- Jacques Rousseau (1712-1778) diante dos maus-tratos aos animais em seu *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* (1775):

Possuindo algo de nossa natureza, devido à sensibilidade de que são dotados, julgar-se-á que devam também participar do direito natural e que o homem esteja obrigado para com eles a certos deveres. Parece, com efeito, que, se estou obrigado a não praticar qualquer mal para com meu semelhante, é menos por ser ele um ser razoável do que por ser um ser sensível, qualidade que, sendo comum ao animal e ao homem, pelo menos deve dar a um o direito de não ser maltratado inutilmente pelo outro.

Criticando o que chamou de falácia naturalista, que propõe que a posição natural do homem no topo da evolução lhe dá o direito de utilizar outras criaturas do modo que lhe convier, o filósofo empirista escocês David Hume (1711-1776) confia no bom-senso humano para que o sofrimento animal seja minimizado:

O que “é” não pode ditar o que “deveria ser”. A História Natural pode explicar porque a Moral humana evoluiu até sua presente forma, mas o homem pode transcender sua natureza.

Em sua *Introdução aos Princípios da Moral e da Legislação*, Jeremy Bentham (1748- 1832) reflete sobre os princípios éticos dos maus-tratos dados aos animais, sugerindo que a capacidade de sofrer, e não a razão, deveria ser utilizada como critério fundamental em decisões que envolvem o sofrimento animal:

Que outra coisa poderá traçar a linha intransponível? Será a faculdade da razão, ou talvez a faculdade do discurso? Mas um cavalo ou um cão adultos são animais incomparavelmente mais racionais, e também mais sociáveis, que uma criança de um dia de idade, ou de uma semana, ou mesmo de um mês. Supondo-se porém que assim não fosse, de que adiantaria isso? A questão não é: “Eles são capazes de raciocinar?” Nem tampouco seria: “Eles são capazes de falar?” A questão é: “Eles são capazes de sofrer?”.

Inspirado pelo Budismo, Arthur Schopenhauer (1788-1860) insurgiu-se contra as posições defendidas por Descartes e Kant e pelo antropocentrismo judaico-cristão:

“Alegam que os animais não têm direitos, persuadidos de que nosso comportamento frente a eles não tem nada a ver com a moral ou, para usar a mesma linguagem dessa moral, que não temos nenhum dever para com os animais: uma doutrina revoltante, uma doutrina rude e bárbara, peculiar ao Ocidente, com suas raízes no judaísmo. Na filosofia, porém, ela é deixada repousar sobre a hipótese de uma diferença absoluta entre homens e animais, admitida apesar das provas (Schopenhauer 2001).

Em 1975, o filósofo australiano Peter Singer propôs o primeiro argumento realmente sustentável de que a maioria dos homens é culpada de especismo (Singer 2002). Esse termo foi propositadamente escolhido para lembrar racismo e sexismo, referindo-se a atitudes e comportamentos que já foram considerados aceitáveis mas que hoje são moralmente insustentáveis.

O fato de pertencermos a uma espécie biológica diferente (da dos macacos, cães, animais domésticos ou camundongos de laboratório) não nos dá o direito de tratá-los como bem desejarmos e para nossos próprios fins.

A dor é ruim, e, não importando quem está sentindo a dor, quantidades semelhantes de dor são igualmente ruins. Os seres humanos não são os únicos seres capazes de sentir dor

ou aflição. Quando avaliamos a gravidade do ato de tirar uma vida, não devemos levar em conta a raça, o sexo ou a espécie a que pertence o indivíduo, mas sim as características do ser individual que está sendo morto, como por exemplo seu próprio desejo de continuar a viver ou o tipo de vida que é capaz de viver. Somos responsáveis não só pelo que fazemos, mas também pelo que poderíamos ter impedido.

Em contraste, as condições normalmente requeridas para o uso de pessoas em pesquisa incluem o consentimento do objeto, exceto quando este é incapaz de consentir (e.g., bebês, adultos em estado de coma) e a ausência de intenção de prejudicar o indivíduo (condição inviolável), e geralmente não aceitamos o argumento utilitário, que justifica o sofrimento de alguns para benefício de muitos (e.g., escravidão).

Em 1979, o pensador alemão Hans Jonas, discípulo de Heidegger, publicou *O Princípio Responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*, em que manifesta sua preocupação com a possibilidade de que o homem provocasse sua própria destruição e da vida no planeta (Jonas 2006). Seu pensamento influenciou o surgimento das modernas comissões de ética das universidades, institutos de pesquisa, órgãos governamentais e empresas.

Jacque Derrida (1930-2004), em sua desconstrução da Filosofia, fez críticas severas a toda uma linhagem de filósofos (Aristóteles, Descartes, Heidegger) que defendiam o logos (a fala) como a característica que torna o homem superior aos animais e o autoriza a dispor da vida deles como bem entender, uma superioridade “infinita e por excelência”, que “tem de próprio ser incondicional e sacrificial.” (Maciel 2012).

Com base na ética da compaixão de Schopenhauer e na teoria da evolução (por meio da Sociobiologia), Ursula Wolf procura estabelecer uma ética das relações entre humanos e animais (Wolf 2014, 2015).

A Ética é uma disciplina em que pode não haver avanço, isto é, por tratar com valores humanos, pode mudar no espaço e no tempo: o que aqui ou ontem era aceitável, acolá ou hoje pode não o ser.

O conhecimento científico é a melhor maneira de educar a população, mas o homem comum tende a ser mais emocional que científico, de modo que a (boa) literatura, ao mesmo tempo em que retrata a mentalidade de um povo, pode desempenhar um papel fundamental na mudança dessa mesma mentalidade.

Vejamos o que diz Maciel (2011) no resumo de seu artigo em que analisa duas obras de J. M. Coetzee, escritor sul-africano laureado com o Prêmio Nobel de Literatura (os grifos são meus):

“Este artigo aborda, sob a perspectiva da biopolítica, a “questão dos animais” na obra de Coetzee, com ênfase nos romances A Vida dos Animais e Desonra. Pretende-se mostrar como o autor, por vias ficcionais, questiona as filosofias antropocêntricas do Ocidente e explora os possíveis nexos entre a violência contra os animais e a violência contra humanos, destacando-se como o pensador contemporâneo que, no campo da literatura, mais contribuição tem dado a esse debate.”

Maciel (2011) nos informa nesse artigo que diversos outros romances de Coetzee abordam o problema da relação homem-animais em seus diversos matizes:

No Coração do País (1977), *Foe* (1986), *Juventude* (1997), *Diário de Um Ano Ruim* (2007).

Percebe-se claramente aqui como o pensamento filosófico não está restrito aos filósofos, mas que a literatura pode realizar com propriedade a tarefa de refletir sobre a natureza das ações humanas, particularmente no domínio da ética, e que frequentemente o faz de maneira até mais clara que aquela da Filosofia, posto que apela para a sensibilidade do leitor. Encontraremos facilmente outros exemplos dessa função nobre da literatura tanto nos romances filosóficos de Voltaire, Diderot e Sartre, como nas obras dos maiores ficcionistas de todos os tempos, incluindo Balzac, Dostoiévski, Tolstói e, claro, o próprio Saramago. Não é sem razão que haja títulos como *O Pensamento Vivo de Tolstói* (e de Pessoa etc.). Em suma, alguns escritores são também pensadores, de modo que a literatura imaginativa pode-se constituir em um meio eficaz de discussão filosófica e contribuir para o debate de ideias em diversos campos da atividade humana.

É o caso de três ganhadores do Nobel de Literatura em relação às touradas: Ernst Hemingway as defende, enquanto Coetzee e Saramago as criticam (poderíamos, sem esforço, incluir Machado de Assis nesse grupo). Talvez não tenha sido por acaso que Coetzee tenha escolhido a narrativa ficcional (em vez do tradicional ensaio filosófico) nas palestras que foi convidado a proferir nas tradicionais *Tanner Lectures* da Universidade de Princeton, quando, surpreendentemente, elegeu como tema ético a relação do homem com os animais (*A Vida dos Animais*; Coetzee 2002). Muitos outros grandes ficcionistas do século XX escreveram obras que se preocupam com o sofrimento animal, incluindo o português Miguel Torga (*Os Bichos*) e a norte-americana Patricia Highsmith (*O Livro da Feras*), além dos brasileiros João Guimarães Rosa e Clarice Lispector.

Por que José Saramago?

Ao lado de Machado de Assis, José Saramago pode ser considerado um dos maiores escritores de língua portuguesa, tendo sido laureado com o Prêmio Nobel de Literatura em 1998. Da mesma forma que o Bruxo do Cosme Velho, Saramago era ateu e possuía uma grande sensibilidade para o sofrimento humano e, por extensão, para o sofrimento dos animais. Outra semelhança entre esses dois gênios da literatura reside no fato de sua oposição àquele sofrimento não ter caráter panfletário. Recusavam-se, ambos, a proclamar em altos brados suas razões, confiando ao leitor a tarefa de perceber por si mesmo a compaixão embutida em sua prosa.

Permito-me uma digressão, em tudo pertinente a meu ver: há que se comparar esses dois escritores também pela admiração que manifestaram em suas obras pela força de caráter das mulheres, frequentemente atribuindo papéis decisivos às personagens femininas (e.g., Capitu, em Machado, e Blimunda, em Saramago). Segundo o organizador do livro *As Palavras de Saramago* (Aguilera 2010), o autor era "um ativo defensor das causas da igualdade feminina e das reivindicações de gênero, em especial daquelas contra a violência e a opressão que sofrem as mulheres" e "mostrava-se convencido de que as atitudes e atributos

femininos representam uma fundada esperança para a humanidade". Nas próprias palavras de Saramago(Aguilera 2010):

Primeiro, gosto das mulheres. Penso que elas são mais fortes, mais sensíveis e que elas têm mais bom-senso do que os homens. Todas as mulheres do mundo não são assim, mas digamos que é mais fácil encontrar qualidades humanas nelas do que no gênero masculino. Todos os poderes políticos, econômicos, militares são um negócio de homem. Durante séculos, a mulher teve de pedir licença ao seu marido ou ao seu pai para empreender o que quer que fosse. Como pudemos viver tanto tempo a condenar a metade da humanidade à subordinação e à humilhação?

A História é escrita sob um prisma masculino. Se fosse feita pelas mulheres seria diferente. Enfim, há uma História dos que têm voz e outra, não contada, dos que não a têm.

Até onde tenho conhecimento, ainda não foi escrito um livro com o título *O Pensamento Vivo de Saramago*, mas *As Palavras de Saramago* (Aguilera 2010) cumpre em parte essa função e faz justiça à profundidade de análise, à lucidez e ao humanismo (no sentido mais amplo do termo) desse português. Em compensação, um dos maiores críticos literários da atualidade incluiu seu nome no cânone ocidental (Bloom 2005). Defendo aqui que, como Coetzee, José Saramago tenha desenvolvido um pensamento social, político e ético suficientemente profundo e coerente para que possamos atribuir-lhe o status de pensador, cujas análises e opiniões, transmitidas alegoricamente em sua ficção, sejam capazes de estimular os sentimentos e motivar as ações dos homens.

Saramago expressou publicamente seu ateísmo em diversas ocasiões ao longo de toda a sua vida. Em suas próprias palavras (citadas em Ferraz 1999):

*"Embora seja uma pessoa que não crê, não tem fé, ou para usar a palavra certa, **seja ateu**, não posso ignorar que vivo num mundo que não é edificado na ausência da idéia Deus, mas, ao contrário, foi todo ele feito na suposição de uma entidade sobrenatural, transcendente, pai da criação".*

Seu primeiro romance, *Terra do Pecado* (1947), já traz um conflito entre dois personagens centrais, como salientado por Ferraz (2012a): "O padre Cristiano representa o cristianismo primitivo em sua essência e pureza, é uma boa alma, crente nos propósitos de sua religião. Por sua vez, Viegas, além de médico, é um ateu declarado que se confronta sempre com o padre." Esse embate antecipa em décadas o papel importante que a religião, particularmente o Cristianismo (e a figura de Deus), teriam em muitos de seus romances futuros. Assim, como em qualquer obra de ficção, há em seus livros personagens ateus, como o já citado doutor Viegas, e crentes, como padres, o Diabo, Jesus, Caim, Abel e até mesmo o próprio Deus. Independentemente do ponto de vista do narrador e das posições das personagens, o autor empírico José Saramago era um ateu convicto, e o humanismo, que estendeu aos animais, expresso em suas obras de maneira magistral, fornecem o substrato ideal para que eu atinja meus objetivos.

Sua postura ateuista fez de Saramago uma *persona non grata* para o Vaticano, ao ponto de essa instituição milenar praticamente comemorar sua morte. O Jornal do Vaticano, *L'Osservatore Romano*, publicou um obituário dedicado ao escritor

português em que o chama de “eterno marxista” e “um homem e um intelectual de nenhuma admissão metafísica, ancorado até ao final numa confiança arbitrária no materialismo histórico”. A indignação da Santa Sé se expressa com mais clareza, por motivos óbvios, em relação aos livros *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (Saramago 1991) e *Caim* (Saramago 2009).

Uma das respostas mais famosas de Saramago às acusações da Igreja, que pode ser facilmente encontrada na *internet*, resume de certa forma o objetivo deste meu projeto:

Perguntaram a Saramago: — *Como podem homens sem Deus serem bons?* — Ele respondeu com uma pergunta (perfeitamente especular): — *Como podem homens com Deus serem tão maus?*

A pergunta feita a ele revela um pensamento que associa a compaixão à religiosidade e sugere que a presença daquela seja impossível na ausência desta. A pergunta feita por ele faz o contrário, denuncia a falta de coerência de certas atitudes da Igreja (ou dos sacerdotes ou dos fiéis) em relação aos homens e aos animais. Enfim, a expressão da compaixão pelos animais que sofrem em decorrência de atitudes humanas é a prova cabal de que a aceitação de uma divindade (ou o medo de ser punido por ela) não garante a existência de piedade, nem para com os homens nem pelos animais, e de que um ateu pode ser amoroso, tanto ou até mais do que um crente. É essa verdade que pretendo trazer à luz a partir da prosa de José Saramago.

Cumpramos diferenciar aqui ateísmo de ausência de religiosidade, coisas muito diferentes e não-excludentes, posto que o Budismo, por exemplo, define-se como uma religião ateuista (Dalai Lama 2018).

O campo dos estudos literários há tempos é palco de uma discussão complexa sobre as figuras do autor e do narrador (e.g., Booth 1961, Friedman 2002). É preciso estar-se atento a essa questão quando se analisa a narrativa de qualquer escritor. O autor empírico José Saramago amalgama-se ele mesmo ao narrador quando quer, porquanto, segundo suas próprias palavras (Saramago 1990):

“...[o narrador] pode finalmente, mas de um modo não explícito ser a voz do próprio autor, capaz de fabricar todos os narradores que entender, não está limitado a saber apenas o que as suas personagens sabem, porquanto ele sabe, e não o esquece nunca, tudo quanto tiver acontecido depois da vida delas.

As virtudes apontadas acima na obra de Saramago valeram-lhe centenas de estudos críticos sobre virtualmente todos os seus livros. Uma busca na Plataforma Lattes com a palavras-chave “José Saramago” resultou em 2259 currículos de pesquisadores brasileiros e estrangeiros, o que nos dá uma ideia da dimensão desses estudos. Os estudos se estendem das peças de teatro (e.g., Borges 2008, Aldeamil 2011) até as crônicas (e.g., Thimóteo 2014), passando pelos contos (e.g., Feller 2006, Flores 2013, Santos 2015). A maior parte de sua obra, e a mais importante, é constituída por romances, e virtualmente todos eles já foram objeto de estudos críticos. Tais estudos estão inseridos em várias disciplinas (Letras, Psicologia, Filosofia, Sociologia, História, Comunicação) e tratam de temas tão

diversos como relações de trabalho e contradições de classe (e.g., Guimarães 2011, Kawamura 2012), intertextualidade (e.g., Ventura 2006, Gomes 2016), transformação de gêneros literários (e.g., Bastazin 2006), subversão da história (e.g., Angelini 2017), identidade nacional (e.g., Taufer 2006), ética (e.g., Costa 2008) e religião (e.g., Souza 2007, Ferraz 2012a); alguns trabalhos analisam vários livros de maneira comparada (e.g., Ferraz 2012a, Sousa 2012, Diógenes 2014).

A presença de animais é quase uma constante na obra de Saramago, sobretudo de cães, que aparecem como personagens importantes em alguns romances, como *Ensaio sobre a Cegueira*, *A Caverna* e *A Jangada de Pedra* (ver o dicionário de Ferraz 2012b). Batista (2018) analisou as histórias de caça e a presença de inúmeros animais no romance *Levantado do chão*, vinculando-as à tradição oral, “característica da escrita de Saramago”, e reconhecendo esses elementos da narrativa como “metáforas para a vida e a luta do povo alentejano.

A investigação sobre a expressão da compaixão pelos animais na obra de Saramago, porém, nunca foi realizada, sendo por isso objeto de meu trabalho.

Potencial de interdisciplinaridade

O projeto transitará por disciplinas de três grandes áreas do conhecimento (Ciências Biológicas, Ciências Humanas e Linguística, Letras e Artes), apresentando, portanto, um grande potencial de interdisciplinaridade.

Áreas do conhecimento (códigos do CNPq)

2.00.00.00-6 CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

2.04.00.00-4 Zoologia

2.04.04.00-0 **Comportamento Animal**

2.04.06.00-2 Zoologia Aplicada

2.04.06.01-0 **Conservação das Espécies Animais**

2.04.06.02-9 **Utilização dos Animais**

7.00.00.00-0 CIÊNCIAS HUMANAS

7.01.00.00-4 Filosofia

7.01.04.00-0 **Ética**

7.02.00.00-9 **Sociologia**

7.05.00.00-2 **História**

8.00.00.00-2 LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES

8.02.00.00-1 Letras

8.02.08.00-2 **Literaturas Estrangeiras Modernas (Literatura Portuguesa)**

Impactos científicos e sociais

O projeto resultará em um livro que discutirá temas polêmicos (direitos dos animais, religiosidade, ateísmo) com base na obra literária de um dos maiores

escritores de todos os tempos e único autor de língua portuguesa a ser laureado com o Prêmio Nobel de Literatura. Acredito que tanto os temas como o autor garantirão o interesse do grande público pelos resultados deste estudo. Outros manuscritos serão preparados ao longo do projeto, não necessariamente relacionados ao tema central da pesquisa.

Metodologia

Farei uma leitura atenta de toda a obra de ficção de Saramago (romances, contos e teatro; Apêndice 1) em busca de passagens que incluam sofrimento animal de qualquer tipo. Em torno dessas passagens, tentarei relacionar a mentalidade da época/local com o contexto histórico, social, filosófico e/ou religioso e com a visão ética expressada em cada situação. Segue-se um exemplo do que pretendo realizar neste projeto. Apresento excertos do livro *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* em que Saramago (1991) desperta a compaixão do leitor pelos animais utilizados em sacrifícios rituais entre os judeus antigos, salientando, ao mesmo tempo, a pobreza das razões humanas para confiar nesses atos sangrentos e a inocência das vítimas imoladas inutilmente.

Jesus nasceu há pouco, e José e Maria levam-no ao Templo com a finalidade de "purificar" Maria por meio do sacrifício de duas rolas:

Para lá vão caminhando o carpinteiro e sua mulher, para lá vai sendo levado Jesus, depois de ter seu pai comprado duas rolas a um comissário do Templo, se a designação é apropriada para quem serve o monopólio deste religioso negócio. As pobres avezinhas não sabem ao que vão, embora o cheiro de carne e de penas queimadas que paira no ar não devesse enganar ninguém, sem falar de cheiros muito mais fortes, como o do sangue, ou o da bosta dos bois arrastados para o sacrifício e que de premonitório medo se borram desgraçadamente. José é o que leva as rolas, aconchegadas no côncavo das suas grossas mãos de obreiro, e elas, iludidas, dão-lhe, de pura satisfação, umas bicadas suaves nos dedos, encurvados em forma de gaiola, como se quisessem dizer ao novo dono, Ainda bem que nos compraste, contigo queremos ficar. Maria não dá por nada, agora só para o filho tem olhos, e a pele de José é demasiado dura para sentir e decifrar o morse amoroso do casal de rolinhas.

... José e Maria entram, entra Jesus levado por eles, e a seu tempo sairão a salvo, mas as rolas, já o sabíamos, vão morrer, é o que quer a lei para reconhecer e confirmar a purificação de Maria. A um espírito voltaireano, irónico e irrespeitoso, se bem que nada original, não escaparia o ensejo de observar que, vistas as coisas, parece ser condição para a manutenção da pureza no mundo existirem nele animais inocentes, rolas ou cordeiros sejam.

... À entrada estão os levitas à espera dos que vêm oferecer sacrifícios, porém neste lugar a atmosfera será tudo menos piedosa, salvo se a piedade era então compreendida doutra maneira, não é só o cheiro e o fumo das gorduras estorricadas, do sangue fresco, do incenso, é também o vozear dos homens, os berros, os balidos, os mugidos dos animais que esperam vez no matadouro, o último e áspero grasnido dum ave que antes soubera cantar. Maria diz ao levita que os atendeu que vem para a purificação e José entrega as rolas. Por um momento, Maria pousa as mãos sobre as avezinhas, será o seu único gesto, e logo o levita e o marido se afastam e desaparecem atrás da porta. Não se moverá Maria dali até que José regresse, apenas se aparta a um lado para não obstruir a passagem, e, com o filho nos braços, espera.

A descrição do ambiente é estarrecedora:

Lá dentro é uma forja, um talho e um matadouro. Em cima de duas grandes mesas de pedra preparam-se as vítimas de maiores dimensões, os bois e os vitelos, sobre tudo, mas também carneiros e ovelhas, cabras e bodes. Perto das mesas encontram-se uns altos pilares onde se dependuram, em ganchos chumbados na pedra, as carcaças das reses, e vê-se a frenética actividade do arsenal dos açougues, as facas, os cutelos, os machados, os serrotes, a atmosfera está carregada dos fumos da lenha e dos coiratos queimados, de vapor de sangue e de suor, uma alma qualquer, que nem precisará ser santa, das vulgares, terá dificuldade em entender como poderá Deus sentir-se feliz em meio de tal carnificina, sendo, como diz que é, pai comum dos homens e das bestas.

Saramago apresenta Deus como inacessível aos homens e humaniza as personagens divinas:

Deus é tanto mais Deus quanto mais inacessível for, e José não passa de pai de um menino judeu entre os meninos judeus, que vai ver morrer duas rolas inocentes, o pai, não o filho, que esse, inocente também, ficou ao colo da mãe, imaginando, se tanto pode, que o mundo será sempre assim.

Segue-se a descrição dos sacrifícios propriamente ditos:

Junto ao altar, feito de grandes pedras em tosco, que nenhuma ferramenta metálica tocou desde que foram arrancadas da pedreira até virem ocupar o seu lugar na gigantesca construção, um sacerdote, descalço, vestido com uma túnica de linho, espera que o levita lhe entregue as rolas. Recebe a primeira, leva-a até uma esquina do altar e aí, de um só golpe, separa-lhe a cabeça do corpo. O sangue esguicha. O sacerdote esparge com ele a parte inferior do altar, e vai depois colocar a ave degolada num escoadouro onde acabará de dessangrar-se, e aonde, acabado o turno de serviço, irá buscá-la, pois passou a pertencer-lhe. A outra rola gozará da dignidade do sacrifício completo, o que significa que será queimada.

O sacerdote sobe a rampa que leva ao cimo do altar, onde arde o fogo sagrado, e, sobre a cornija, na segunda esquina do mesmo lado, sudeste esta, sudoeste a primeira, descabeça a ave, rega com o sangue o chão da plataforma, em cujos cantos se erguem ornamentos como cornos de carneiro, e arranca-lhe as vísceras.

Ninguém dá atenção ao que se passa, é apenas uma pequena morte. José, de cabeça levantada, quereria perceber, identificar, entre o fumo geral e os cheiros gerais, o fumo e o cheiro do seu sacrifício, quando o sacerdote, depois de salgar a cabeça e o corpo da ave, os atirar à fogueira. Mal pode ter a certeza. Ardendo entre as labaredas revoltas, atiçadas pela gordura, o corpinho esventrado e flácido da rola não enche a cova de um dente de Deus. E em baixo, onde a rampa começa, já estão três sacerdotes à espera. Um bezerro cai fulminado pela choupa, meu Deus, meu Deus, que frágeis nos fizeste e que fácil é morrer. José já não tem mais que fazer ali, deve retirar-se, levar a mulher e o filho. Maria está outra vez limpa, de verdadeira pureza não se fala, evidentemente, que a tanto não poderão aspirar os seres humanos em geral e as mulheres em particular, foi o caso que com o tempo e o recolhimento se lhe normalizaram os fluxos e os humores, tudo voltou ao que era antes, a diferença é haver duas rolas a menos no mundo e um menino mais que as fez morrer.

Percebe-se claramente que Saramago não culpa qualquer das personagens pela carnificina de que o Templo é palco, mas, antes, põe o Mal na mente do próprio

Criador: Maria queda submissa (um grito feminista de Saramago?), José praticamente se lamenta do ato que ajudou a concretizar (como muitos crentes dominados por sua fé?) e Jesus é o puro retrato da inocência (a mesma dos animais que morreram por ele?), antecipando seu papel de Cordeiro de Deus a ser imolado. Já adulto, Jesus se recusa a levar um cordeiro ao sacrifício, em uma das passagens mais belas e ternas do livro; vê-se aqui como Saramago imbui o Cristo de humanidade (como em outras passagens mais polêmicas da narrativa), fazendo-o se rebelar contra um costume bárbaro que atenta contra a vida e o qual não pode compreender sem imputar a culpa em seu "pai":

Durante um momento, o temor do castigo fê-lo hesitar, mas a mente, numa rapidíssima imagem, representou-lhe a visão aterradora de um mar de sangue infinito, o sangue dos inumeráveis cordeiros e outros animais sacrificados desde a criação do homem, que para isso mesmo é que a humanidade foi posta neste mundo, para adorar e sacrificar.

Mais adiante, Jesus expulsa violentamente os vendilhões do Templo, libertando, de roldão, as pombas que seriam vendidas aos fiéis e destinadas ao sacrifício, as quais festejam alegremente:

Andavam os discípulos no mesmo trabalho, e por fim já os bancos dos vendedores de pombas eram também atirados ao chão, e as pombas livres, voavam por sobre o Templo, rodopiando doidas, além, em redor do fumo do altar, onde não iriam ser queimadas porque havia chegado o seu salvador.

Resultados obtidos até o momento

1. Organização de eventos

1.1. Jornada de palestras *30 anos de publicação de História do Cerco de Lisboa, de José Saramago.*

Data: 18 de setembro de 2019; Local: Auditório Alfredo Bosi.

Vídeos no YouTube:

https://www.youtube.com/watch?v=L7IZ_0vry24&feature=youtu.be

<https://www.youtube.com/watch?v=DWrvfeMRIwA&feature=youtu.be>

1.2. Webinário internacional *Celebrando José Saramago* (presença de Pilar del Río).

Data: 17 e 18 de dezembro de 2020.

Vídeos no YouTube:

<http://www.iea.usp.br/midioteca/video/videos-2020/celebrando-jose-saramago-parte-1-de-2>

<http://www.iea.usp.br/midioteca/video/videos-2020/celebrando-jose-saramago-parte-2-de-2>

2. Palestras proferidas

2.1. *Cães cristãos e perros mouros na Lisboa medieval de Saramago.*

Evento: *30 anos de publicação de História do Cerco de Lisboa, de José Saramago* (item 1.1)

2.2. *A compaixão pelo sofrimento dos animais na ficção de José Saramago.*

Evento: *Celebrando José Saramago* (item 1.2)

3. Publicações

3.1. Bertoluci, J. 2020. Um cão perdido na Lisboa medieval de Saramago. *Estudos Avançados* 34 (98): 317-330. doi: 10.1590/s0103-4014.2020.3498.020

3.2. Bertoluci, J. 2020. Os mansos morrem trabalhando e os bravos, lutando. *Revista USP* 125: 53-66.

Vídeo de divulgação:

<https://www.youtube.com/watch?v=i0p5NJ6zhvc&feature=youtu.be>

3.3. Bertoluci, J. 2021. Como desenhar um elefante. *Revista de Estudos Saramaguianos* 13 (1): 57-77.

3.4. Organização e Apresentação do número especial da *Revista de Estudos Saramaguianos* dedicado à publicação de seis artigos oriundos do evento citado no item 1.2 acima.

Referências bibliográficas

(Os anos entre parênteses nas referências das obras de Saramago indicam o ano de sua primeira publicação no Brasil, sempre pela Companhia das Letras.)

Aguilera, F. G. (org.). 2010. *As Palavras de Saramago - Catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas*. Companhia das Letras. São Paulo.

Aldeamil, M. J. P. 2011. El teatro de José Saramago por él mismo. *Revista de Filología Románica* 28: 169-183.

Angelini, 2017. Memorial dos ausentes: a subversão da história em Memorial do Convento, de José Saramago. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais* 14(2): 1-21.

Bastazin, V. 2006. José Saramago: hibridismo e transformação dos gêneros literários. *Nau Literária* 2(2): 1-14.

Bloom, H. (ed.). 2015. *José Saramago*. Bloom's Modern Critical Views. Chelsea House Publishers.

Booth, W. C. 1961. *The Rhetoric of Fiction*. Chicago: University of Chicago Press.

- Borges, A. P. C. 2008. *Do santo ao homem: Francisco de Assis sob o olhar de Saramago*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo.
- Coetzee, J. M. 2002. *A Vida dos Animais*. Companhia das Letras. São Paulo.
- Costa, C. L. 2008. A ética em O Evangelho Segundo Jesus Cristo, de José Saramago. Pp. 181-192 in S. Ferraz et al. (orgs.), *Deuses em poéticas: Estudos de Literatura e Teologia*.
- Dalai Lama. 2018. *Porque a ética é mais importante que a religião*. Harper Collins.
- Derrida, J. 2002. *O animal que logo sou*. São Paulo, Editora UNESP.
- Diógenes, N. M. 2014. *Um manual para a vida, por José Saramago: o limiar da nova humanidade*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- Feller, M. K. 2006. O conto da ilha desconhecida. *Nau Literária* 2(2): 1-7.
- Ferraz, S. 1999. *A Sagrada Luxúria de Criar*. Porto Alegre, EDIPUCRS.
- Ferraz, S. 2012a. *As Faces de Deus na Obra de um Ateu – José Saramago*. EDIFURB.
- Ferraz, S. 2012b. *Dicionário de Personagens da Obra de José Saramago*. EDIFURB.
- Flores, C. 2013. Viagem à ilha (des)conhecida. Pp. 29-39 in A. Medeiros (org.), *Travessias pela literatura portuguesa: estudos críticos de Saramago a Vieira*. Campina Grande: EDUEPB.
- Friedman, N. 2002. O Ponto de Vista na Ficção – o desenvolvimento de um conceito crítico. *Revista USP, São Paulo* 53: 166-182
- Gomes, M. A. M. 2016. *A intertextualidade na obra de José Saramago: labirinto e unidade discursiva*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- Groom, M. J., G. K. Meffe & C. R. Carroll. 2006. *Principles of Conservation Biology*. Sinauer Associates, Sunderland.
- Guimarães, A. F. B. 2011. *O trabalho e o trabalhador aos olhos de José Saramago*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- Hurst, J. L. 1996. *ASAB and the Ethical Treatment of Animals in Research and Teaching*. Association for the Study of Animal Behaviour. Disponível em http://asab.icapb.ed.ac.uk/resources/ethical_treatment.html.
- Jonas, H. 2006. *O Princípio Responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. RJ: Contraponto/PUC-RIO.
- Kawamura, E. 2012. *Discurso hegemônico e contra-hegemônico: as contradições de classe a partir das vozes sociais presentes no romance “Levantado do Chão” de José Saramago*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo.
- Maciel, M. E. 2011. A vida dos outros - J. M. Coetzee e a questão dos animais. *Aletria* 21(3): 91-101.
- Nascimento, M. G. S. 1985. O estranho testamento de um vigário de província: as memórias de Jean Meslier. *Trans./Form./Ação, São Paulo*, 8: 71-77.
- Papa Francisco. 2015. *Encíclica Laudato si’ (Louvado sejas) sobre o cuidado com a casa comum*.
- Ricard, M. 2017. *Em Defesa dos Animais – direitos da vida*. Palas Athena.
- Santos, D. Y. U. 2015. *As imagens em palavras: sensações e percepções na leitura de obras da Modernidade*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- Saramago, J. 1947. *Terra do Pecado*. Editorial Minerva. Lisboa.
- Saramago, J. 1976 (1992). *Manual de Pintura e Caligrafia*. Companhia das Letras. São Paulo.
- Saramago, J. 1978 (1994). *Objecto Quase*. Companhia das Letras. São Paulo.

- Saramago, J. 1979. *A Noite*. Editorial Caminho. Alfragide.
- Saramago, J. 1980 (2013). *Levantado do Chão*. Companhia das Letras. São Paulo.
- Saramago, J. 1980 (1998). *Que farei com Este Livro?* Companhia das Letras. São Paulo
- Saramago, J. 1982 (1994). *Memorial do Convento*. Bertrand. Lisboa.
- Saramago, J. 1984 (1998). *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. Companhia das Letras. São Paulo.
- Saramago, J. 1986 (1988). *A Jangada de Pedra*. Companhia das Letras. São Paulo.
- Saramago, J. 1987. *A Segunda Vida de Francisco de Assis*. Editorial Caminho. Alfragide.
- Saramago, J. 1989. *História do Cerco de Lisboa*. Companhia das Letras. São Paulo.
- Saramago, J. 1990. História e ficção. *Jornal de Letras, Artes e Idéias (Lisboa)*: 17-20.
- Saramago, J. 1991. *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. Companhia das Letras. São Paulo.
- Saramago, J. 1993. *In Nomine Dei*. Companhia das Letras. São Paulo.
- Saramago, J. 1995. *Ensaio sobre a Cegueira*. Companhia das Letras. São Paulo.
- Saramago, J. 1997. *Todos os Nomes*. Companhia das Letras. São Paulo.
- Saramago, J. 1998. *O Conto da Ilha Desconhecida*. Companhia das Letras. São Paulo.
- Saramago, J. 2000. *A Caverna*. Companhia das Letras. São Paulo.
- Saramago, J. 2002. *O Homem Duplicado*. Companhia das Letras. São Paulo.
- Saramago, J. 2004. *Ensaio sobre a Lucidez*. Companhia das Letras. São Paulo.
- Saramago, J. 2005. *Don Giovanni ou O Dissoluto Absolvido*. Companhia das Letras. São Paulo.
- Saramago, J. 2005. *As Intermittências da Morte*. Companhia das Letras. São Paulo.
- Saramago, J. 2008. *A Viagem do Elefante*. Companhia das Letras. São Paulo.
- Saramago, J. 2009. *Caim*. Companhia das Letras. São Paulo.
- Saramago, J. 2011. *Claraboia*. Companhia das Letras. São Paulo.
- Saramago, J. 2014. *Alabardas, alabardas, Espingardas, espingardas*. Companhia das Letras. São Paulo.
- Schopenhauer, A. 2001. *Sobre o Fundamento da Moral*. Martins Fontes.
- Singer, P. 2002. *Animal Liberation - A New Ethics for Our Treatment of Animals*. Harper Collins.
- Sousa, R. V. 2012. *Figurações de Deus nos Romance de Saramago*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- Souza, R. V. 2007. *O Jesus de Saramago e a literatura que revisita Cristo*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo.
- Taufer, A. L. 2006. A viagem em busca da identidade perdida no passado esplendoroso e a dessacralização do mito do descobridor português n'A *Jangada de Pedra*, de José Saramago. *Nau Literária* 2(2): 1-11.
- Thimóteo, S. G. 2014. *"Está lá tudo": o constructo literário nas crônicas de José Saramago*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- Ventura, S.R. 2006. A intertextualidade como elemento de base construtiva em *O ano da morte de Ricardo Reis*, de José Saramago. *Nau Literária* 2(2): 1-7.
- Wolf, U. 2014. *Ética de la relación entre humanos y animales*. Madrid, Plaza y Valdés.
- Wolf, U. 2015. How Schopenhauer's ethics of compassion can contribute to today's ethical debate. *Enrahonar. Quaderns de Filosofia* 55: 41-49.

Apêndice I - Obras de José Saramago (farão parte deste projeto os romances, as obras de dramaturgia e os contos). Os livros marcados com um * já foram lidos.

ROMANCES

Terra do Pecado (1947)
Manual de Pintura e Caligrafia (1976)
Levantado do Chão (1980)
***Memorial do Convento (1982)**
O Ano da Morte de Ricardo Reis (1984)
***A Jangada de Pedra (1986)**
***História do Cerco de Lisboa (1989)**
***O Evangelho Segundo Jesus Cristo (1991)**
***Ensaio sobre a Cegueira (1995)**
Todos os Nomes (1997)
A Caverna (2000)
***O Homem Duplicado (2002)**
***Ensaio sobre a Lucidez (2004)**
***As Intermittências da Morte (2005)**
***A Viagem do Elefante (2008)**
***Caim (2009)**
Claraboia (2011)
Alabardas, alabardas, Espingardas, espingardas (2014)

POESIA

Os Poemas Possíveis (1966)
Provavelmente Alegria (1970)
O Ano de 1993 (1975)

DRAMATURGIA

***A Noite (1979)**
***Que Farei com Este Livro? (1980)**
***A Segunda Vida de Francisco de Assis (1987)**
***In Nomine Dei (1993)**
***Don Giovanni ou O Dissoluto Absolvido (2005)**

LITERATURA DE VIAGENS

Viagem a Portugal (1981)

MEMÓRIAS

As Pequenas Memórias (2006)

CRÔNICAS

Deste Mundo e do Outro (1971)
A Bagagem do Viajante (1973)
Os Apontamentos (1976)
Poética dos Cinco Sentidos – O Ouvido (1979)
Moby Dick em Lisboa (1996)
Folhas Políticas (1976-1998)

CONTOS

***Objecto Quase (1978)**
***O Conto da Ilha Desconhecida (1998)**

DIÁRIOS

Cadernos de Lanzarote I (1994)
Cadernos de Lanzarote II (1995)
Cadernos de Lanzarote III (1996)
Cadernos de Lanzarote IV (1998)
Cadernos de Lanzarote V (1998)
O Caderno (2009)
O Caderno 2 (2009)

ENSAIOS

Discursos de Estocolmo (1999)
Da estátua à pedra (1999)
Comment le personnage fut le maître et l'auteur son apprenti (1999)
Direito e os sinos (1999)
Aqui soy Zapatista – Saramago en Bellas Artes (2000)
Palabras para un mundo mejor (2004)
Questo mondo non va bene che ne venga un altro (2005)
El nombre y la cosa (2006)
Andrea Mantegna – Uma ética, uma estética (2006)
Democracia e Universidade (2010)

INFANTO-JUVENIS

O Lagarto (2016)
A Maior Flor do Mundo (2001)
O Silêncio da Água (2011)